

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

Coralina

■ Chico Nóbrega, Jornalista

Aos doze anos Cora Coralina, em razão de dificuldades financeiras da família, foi morar na fazenda de seu avô. Isso trouxe marcas para sempre em sua vida. Daí o seu apego à terra sedimentado nos 45 anos em que viveu no interior de São Paulo, num sítio, à beira de uma estrada de boiadeiros.

A poesia surgiu para Cora de maneira muito simples. Só fez o curso primário incompleto, mas leu muito e tinha os sentidos voltados para o seu tempo. Aos catorze anos escreveu os primeiros poemas, mas só conseguiu se exprimir plenamente quando se libertou da rigidez da Escola Parnasiana: a rima e a métrica. “Eu só me libertei das dificuldades poéticas depois do Movimento de 22, mas não acompanhei o Movimento”, dizia.

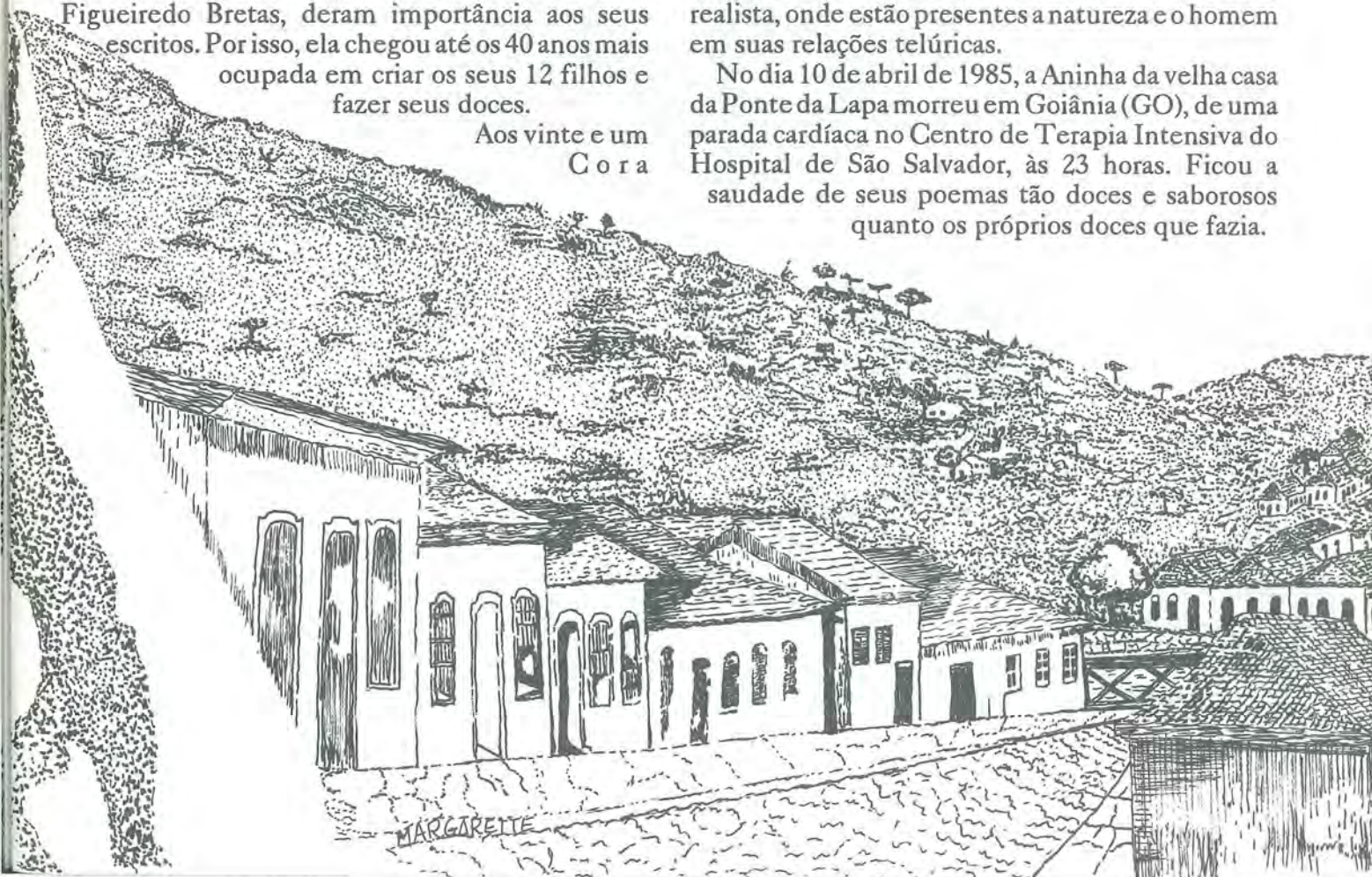
Nestes primeiros anos Cora era uma poetisa reclusa. Nem o pai, na Casa Velha da Ponte, em Goiás, nem o marido, Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, deram importância aos seus escritos. Por isso, ela chegou até os 40 anos mais ocupada em criar os seus 12 filhos e fazer seus doces.

Aos vinte e um
C o r a

Coralina publicou o seu primeiro conto nas folhas do “Anuário Histórico e Geographico e Descriptivo do Estado de Goiyas”, sob o título: *Tragédia na Roça*. Aos 40 anos, Cora Coralina ficou viúva em Jaboticabal (SP) e retornou à casa onde nasceu, dando início à publicação de suas obras. Aos 65 anos, ela conseguiu editar o primeiro livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, pela editora José Olympio; a seguir, vem “Meu Livro de Cordel”, publicado pela Universidade Federal de Goiás, contos da “Casa Velha da Ponte” e por último, em 1984, “Vintém de Cobre-Meias Confições de Aninha”.

Integrante da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e da Academia Goiana de Letras, onde ocupou a cadeira 38, a partir de 1984, Cora Coralina passou a ter a sua obra reconhecida e reverenciada. Na linguagem de mulher simples, Cora funde o tom coloquial da fala interiorana de Goiás com a lucidez de sua visão universalista, realista, onde estão presentes a natureza e o homem em suas relações telúricas.

No dia 10 de abril de 1985, a Aninha da velha casa da Ponte da Lapa morreu em Goiânia (GO), de uma parada cardíaca no Centro de Terapia Intensiva do Hospital de São Salvador, às 23 horas. Ficou a saudade de seus poemas tão doces e saborosos quanto os próprios doces que fazia.



Os pensamentos de Cora

Já famosa e respeitada, Cora Coralina recebeu em sua casa, em Goiânia, o repórter Celso Araújo e falou abertamente sobre vários temas. Lembrando o poeta chileno Plabo Neruda, confessou que viveu e que a poesia "era uma necessidade interior". A entrevista foi publicada pelo "Jornal de Brasília" em 1977.

■ Como a senhora começou sua labuta literária?

– Comecei a escrever aos 14 anos de idade aquilo que eu chamava os meus escritinhos e com uma grande vaidade. Não comecei com a poesia, mas com a prosa e durante muito tempo fazendo prosa tentava a poesia, mas enquanto a poesia esteve determinada pela rima e pela métrica, eu não consegui escrever uma simples frase. Só comecei a escrever poesia depois que ela se libertou da rima e da métrica.

■ Quais as primeiras impressões de vida que acabariam por tornar-se tema para sua produção?

– O que eu podia falar como jovem? Fantasi-as! Apenas eu não sabia absolutamente o valor do que eu escrevia. Tinha uma vaidade de escrever no total, aparecer no jornalzinho da minha terra, onde havia um grupo literário bastante prestigiado pela cidade, pelos estudantes, pelos jovens. Não tive motivação maior senão a fantasia, pois não fiz o ginásio, não tinha estudos literários ou formação de Liceu. Estava sem estímulo nenhum da família e da sociedade em geral, senão aquilo que vinha do meu íntimo, do meu interior.

■ A senhora morou em Goiás Velho?

Nasci e me criei em Goiás Velho, até que me casei. Nasci no século passado, casei-me em 1910 e um ano depois deixei Goiás e fui para São Paulo com o meu marido, que não era goiano. No Estado de São Paulo eu vivi 45 anos da minha vida, encaixada e sem voltar à minha terra. Só voltei a Goiás em 1956. Em São Paulo tenho quatro filhos, quinze netos e quinze bisnetos e tem 21 anos que voltei à minha terra, que sempre esteve presente ao meu emocional. Nunca me *apaulistei*, nunca deixei de ser mulher goiana e mais que tudo, mulher sertaneja; com todas as marcas de uma mulher sertaneja – de que me orgulho. Depois de ter dado 45 anos de minha vida aos meus filhos, eu quis viver longe deles.

■ Durante o tempo em que a senhora esteve em São Paulo aconteceram alguns dos mais fortes movimentos culturais do país. Participou de algum deles?

– Não. Acompanhava de longe, pelos jornais. Por uma razão muito simples, e durante esse tempo muito pouca coisa eu escrevi, porque meu marido carregava com ele a *tara do ciúme*, aceitava que eu escrevesse mas não que publicasse. E eu nunca escrevi pra mim, nunca. Escrever

para o público, escrever para ser lida, criticada, elogiada e mais do que tudo isso, corrigida e ensinada.

■ Isso não lhe revolta?

– Não, meu marido me transformou numa criatura vedada, ele não admitia nenhum contato, nenhuma publicidade. E eu aceitava aquilo, sempre fui muito doméstica, muito mãe de família, sempre gostei da minha casa. Uma das fugas era o jardim. Tive plantas de roseiras e criação de plantas de sombra. Eu vivo as minhas ocupações. Coloco a poesia em tudo aquilo que faço, o meu sentido. Quero que seja o mais bonito, corrigir os erros, tanto o quanto eu possa alcançar ali. Na cidade onde morei, eu tinha as mais belas roseiras e meu marido se ufanava daquilo. E depois meus filhos me fizeram e me fazem extremamente feliz. Eu vivo da paz e da felicidade deles. É o reflexo que eu ainda recebo. Agora, sou independente.

■ A que a senhora atribui essa maneira de colocar o espírito em tudo o que faz? Porque hoje as pessoas são...

– Superficiais!

■ Justamente. A que a senhora atribui isso?

– Algumas restrições da minha vida, da minha infância. Eu era comprimida no meu ímpeto natural, o meio, a formação, mais tarde o marido. E acredito que isso fosse uma válvula de escape.

■ Um encontro com a liberdade?

– Justamente.

■ Hoje em Goiás Velho, diríamos que teria sido muito interessante conversar com a senhora em sua casa, pois sua poesia parece estar impregnada daquela paisagem, daquela casa, da cidade.

– Ali eu sinto que tenho as minhas raízes profundas, enleada àquelas pedras. Agora acredito que eu seja a mesma lá e aqui, em Goiânia.

■ Claro. Mas estou falando...

– Eu me identifico com a minha casa, com aquele rio, porque tenho as minhas raízes. Mas se você me perguntar: a senhora gosta daquela cidade? Eu lhe direi, não gosto nem desgosto, mas é a única cidade que me serve para morar. E depois se você pensar numa mulher que deixa os filhos para ir viver a vida dela, você tem que considerar que esta mulher tem qualquer marca um pouquinho diferente.

■ Sua produção tem mais intensidade com sua volta de São Paulo a Goiás?

– Sim. Foi naquele meio, afastada de tudo o que me prendia, sozinha, longe da vida de meus filhos (porque uma mãe quando mora com os filhos vive a vida de todo mundo, menos a dela). Quando eu senti uma necessidade imprecisa, obscura de me pôr de longe, eu tinha qualquer coisa que me forçava a isso. Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escre-



“Não, não quero dizer mais nada”

vi o primeiro livro publicado.

■ **Esse livro – Poemas dos Becos de Goiás – saiu primeiramente pela Editora José Olympio, não é?**

– Sim, e eu lembro que o Oswaldino Marques, sem me conhecer, escreveu um belo artigo sobre o livro, porque Goiânia recebeu o livro como um impacto. Sem compreender o livro. A crônica de Oswaldino Marques a meu respeito deixou-me bastante satisfeita, porque ele não me conhecia. Hoje em dia é muito comum um escritor pedir prefácio ou crítica para o seu livro.

Foi, então, uma grande satisfação poder ter publicado esse primeiro livro.

Como eu já disse, nunca escrevi só para mim. Sempre fui uma pessoa de comunicação. Vivia cercada pela dúvida a respeito do valor daquilo que eu estava escrevendo, mas afinal o impulso maior foi para publicar. Esse primeiro livro saiu pela José Olympio sem eu esperar, os originais estavam na Editora Nacional.

■ **A senhora hoje está com quantos anos?**

– Uma porção. Por que perguntas quantos anos tenho, se mostro nos meus cabelos brancos e na minha sofrida face a minha venerada idade?

Pergunta assim: Cora Coralina, como te sentes na tua maioridade?

E eu contarei uma estória muito mais interessante do que a conta certa dos meus anos.

Cheguei a escrever isso. É a constante em Goiás, 99% das pessoas que vão me visitar fazem essa pergunta. Eu não dou o gosto de dizer, senão acabariam me perguntando o dia, o mês e o signo. Respondo como estou dizendo; não pinto os cabelos, não faço maquiagem e nem ando desnudada como as jovens. A minha idade está na cara. Eu me sinto como uma criatura ainda em plena maturidade, uma criatura que não entrou ainda no pardo da sensibilidade. Ainda tenho controle dos meus pensamentos, ainda tenho uma mente criadora, ainda sou uma mulher que realiza, que trabalha e que produz. Não sou uma criatura de consumo, sou uma criatura de produção e isso me faz forte.

■ **O que representa a poesia para a senhora?**

– Para mim é uma necessidade interior de expressão, de recriação.

■ **O seu segundo título chama-se Livro de Cordel. Ele é trabalhado nos moldes da literatura de cordel?**

– Não. Então, eu digo: “Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de cordel, que este livro assim o seja, assim o quero, numa profunda e obstinada identificação com os meus irmãos, menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio o meu pai”.

Eu tenho livros de estórias e um deles chama-se *Estórias da Casa Velha da Ponte*. Não publico por falta de editora e de dinheiro.

■ **A senhora sempre fala de Goiás com uma certa mágoa? Por quê?**

– O único estímulo que tenho lá, parte de mim. Ou você acha que a mocidade me estimula em alguma coisa? A frieza, a indiferença das pessoas, a falta de um jornal, de uma estação de rádio que havia mas foi fechada, não existe mais aquela cidade. Na minha mocidade, havia um grupo muito interessante e esse grupo sustentou a tocha olímpica da literatura goiana. Como hoje eu digo, eu sou a portadora autêntica da tocha da literatura goiana.

■ **Como a senhora sobrevive, hoje?**

– Através dos doces que faço. Por força da necessidade, tornei-me doceira. Gosto dos doces que faço, sou uma mulher operária e meus doces valem mais que um livro de poemas, vendidos a trinta cruzeiros. Olhe a diferença dos preços.

■ **As pessoas do sertão, as mulheres, as crianças têm alguma influência na sua vida?**

– Os velhos da minha família me deixaram uma marca profunda. O convívio com o homem do campo,

com o homem da cidade, o ignorante,

aprendi muito com eles. Não imponho a ninguém assuntos literários,

nem a estranhos nem a pessoas da minha família. Sempre me achei muito mais sozinha do

que acompanhada. No passado, uma moça que gostasse de ler e escrever era tida

como uma moça romântica. Se uma moça se desse à literatura e esquecesse as obrigações

da casa estaria arrasada. A moça

tinha que ser prestimosa, uma palavra que ainda hoje soa nos meus ouvidos.

dos.

■ **Já teve oportunidade de conhecer Brasília?**

– Já fui quatro vezes. É uma cidade da minha admiração, ligada à pessoa de Juscelino Kubitschek. É uma cidade para orgulho de todo brasileiro, principalmente do jeito que foi feita, por um homem que tinha tudo contra ele. O Rio de Janeiro em peso era contra a construção de Brasília. O Brasil não tinha recursos para fazer uma capital nova, mas quando a pessoa vem determinada para certos destinos, ela rompe todas as dificuldades e vai em frente. Os grandes realizadores nunca foram milionários, porque o milionário fica emparedado dentro dos seus haveres e obsecado apenas pelos números. E Juscelino teve tudo contra ele e no fim apenas no fim, ainda teve uma morte maravilhosa: foi despedaçado na frente de uma jamanta. É como se o destino quisesse com isso que cada pedaço do corpo dele fosse atirado em cada Estado do Brasil, a quem ele serviu e ajudou. Sinto-me feliz, tranquila, apaziguada e o desejo de publicar meus livros. Os que publiquei foram as duras penas, cheguei a vender uma casinha que tinha no interior.

■ **A senhora não quer dizer mais nada?**

– Não, não quero dizer mais nada.

